

# UMA LEITURA DO BLOG IMPRESSÕES AMAZÔNICAS

Joana D'arc P. Praxedes  
Sara Sami Gomes Peixoto

## RESUMO

Impressões Amazônicas é um *blog* desenvolvido por um médico com intuito de relatar suas experiências e as suas impressões suscitadas durante o trabalho nas aldeias indígenas Amazônicas, englobando as condições locais e reações ao contato com o “outro”. O presente artigo visa incitar a reflexão sobre a condição indígena, em especial no estado de Roraima, como um dos fragmentos culturais que estão submergindo frente a crescente expansão da cultura moderna, bem como impulsionar o debate sobre a incorporação ou adaptação de uma cultura marginalizada frente aos avanços da cultura Ocidental. Evidencia-se que mesmo aparentemente assimilado a cultura nacional, as culturas indígenas se perpetuam nas ações e formas de ver o mundo e que a aparente característica territorial ou física deixa escapar toda a diversidade cultural que é própria da Amazônia e que contempla a cultura da sociedade nacional e as culturas indígenas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunidades Indígenas; Impressões Amazônicas; *Blog*; Modernidade.

O estudo ora apresentado tem uma perspectiva mais descritiva que analítica, por se constituir no primeiro artigo acadêmico de duas estudantes do terceiro semestre do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima-UFRR. Ainda assim, isso não compromete a seriedade e responsabilidade com que foi realizado.

Por meio deste, pretendeu-se buscar argumentos que sustentem a permanência de uma cultura diferenciada, em meio aos estímulos da sociedade nacional, a partir do olhar de um médico, e não de um antropólogo ou sociólogo, cuja problemática é cotidiana em suas produções acadêmicas. Logo, o olhar do médico em questão é um olhar descomprometido com a formação de um discurso enquadrado à uma área da ciência.

O médico Altamiro Vianna e Vilhena de Carvalho<sup>1</sup>, conforme entrevista realizada em maio de 2012, desenvolveu o *blog* Impressões Amazônicas no intuito de saciar as curiosidades de amigos, parentes e demais interessados sobre os lugares por onde passa em função de seu trabalho. Neste último caso, porque por mais conhecida que seja a existência de aldeias indígenas, não somente no território roraimense, as pessoas não possuem a dimensão do quão próximo estão e do quão

---

1 Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal Fluminense (1993), especialização em Doenças Sexualmente Transmissíveis pela Universidade Federal Fluminense (1996), especialização em Atendimento à Criança e Adolescente Vítima de Violência Doméstica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997), especialização em Vigilância Alimentar e Nutricional para Saúde Indígena pelo Fundação Oswaldo Cruz (2008), especialização em Saúde Indígena pela Universidade Federal de São Paulo (2009), mestrado em Doenças Sexualmente Transmissíveis pela Universidade Federal Fluminense (1999) e residência médica pela Universidade Federal Fluminense (1996). Atualmente é Pediatra do Hospital da Criança Santo Antonio, e membro nomeado do Comitê Dist. Investigação e Prevenção de Óbito Infantil e Fetal Indígena RR, é Médico do Missão Caiuá - Distrito Sanitário Especial Indígena Leste de Roraima e é Consultor da Saúde da Criança em Roraima do Ministério da Saúde. (Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4761680E6>)

roraimense e brasileiros os índios também são. É a curiosidade de conhecer virtualmente outra forma de levar a vida, despertada por meio de ferramentas tecnológicas, ou da viagem por outras culturas, conduzidos virtualmente por alguém que é real e confiável (o médico ainda é alguém com crédito na nossa sociedade).

Vilhena, através de Impressões Amazônicas, possibilita esse acesso a um “outro” desconhecido, instigando a reflexão sobre até que ponto este é alheio aos nossos olhos. O conhecimento da existência de tais realidades pode levar a compreensão da cultura ao qual se foi induzido a conhecer. Como exemplo, na impressão 78<sup>2</sup>, que ocorreu na Aldeia Barata, o autor do *blog* relata que em um dos atendimentos conheceu integrantes das aldeias que eram brancos, mas que com a aceitação dos demais, tornaram-se “parente”. O que é colocado por Altamiro Vilhena em outra impressão é que, “nem mesmo a dor é sentida igual. Tudo que vivemos é um reflexo de nossa cultura e está diretamente relacionado a ela (Impressão 74, Aldeia *Mapaé*, VILHENA, 2011). Na impressão anterior, Vilhena conclui seu ponto de vista:

Embora você não possa modificar sua ascendência (...) você pode ter aceitação comunitária, afinal o que faz alguém ser ou não ser índio? Ao contrário do que imaginamos, especialmente no sul e sudeste, não é andar pelado e vestir cocar que faz com que alguém seja indígena. (...) para ser indígena é preciso se reconhecer como alguém de um grupo social tradicional e ser aceito como um igual entre eles. Seguir as tradições, crenças e hábitos deste grupo, sejam elas mais ou menos parecidas com as da sociedade ao redor. É partilhar a vida, dificuldades, comemorações, alimentos e suor (...) Shwarzenegger é nascido na Áustria e governou a califórnia. (Impressão 78, Aldeia Barata. VILHENA, 2012)

O ponto de vista acima é apropriado para explicar como ocorre a identificação indígena, especialmente porque a miscigenação é uma situação que se estende a todo o território nacional. A auto-identificação e o reconhecimento por parte dos outros é difícil de ser aceito por muitos, mormente por aqueles que creem que há somente índio na Amazônia, e que a exceção são os pesquisadores, os missionários e os integrantes das Organizações não Governamentais. A despeito de pessoas menos atentas à diversidade cultural qualificarem a população do estado de Roraima como indígena e terem dificuldade de lidar com a auto-identificação, a leitura das impressões pode ajudar à desconstruir os preconceitos e despertar a curiosidade em conhecer o Estado cuja mística diz que quem “bebeu da água do Rio Branco acabou ficando neste pequeno pedaço de paraíso”, e que também é conhecido como a “terra de oportunidades”, sem muito “estresse”.

Mas a terra das oportunidades, também é para muitos, o lugar sem diversão, que falta alguma coisa em relação a “cidade grande”. Independente das opiniões, um fragmento de terra mostra-se bem mais composto por diversidades do que nossos olhos conseguem e permitem enxergar. Vilhena, mesmo dando ênfase as comunidades indígenas, dá sinal de um estado que soma as culturas indígenas e a não indígena.

Os relatos descritos no *blog* Impressões Amazônicas mostram as diferenças presentes no que concerne aos costumes (hábitos e vestimentas) com relação ao “outro”, variando as similitudes de acordo com a proximidade do território e o acesso aos meios de comunicação, tendo em vista as

2 Cada escrito do diário de campo de Vilhena, ao ser postado no *blog*, transforma-se em uma impressão, a qual é sequenciada de acordo com a ordem cronológica das viagens.

influências que a cultura dominante exerce sobre as dominadas. Assim sendo, Vilhena comenta sobre as peculiaridades das pinturas, vestimentas e receptividade dos índios em sua chegada ou estada, e sobre aquilo que as aldeias têm de mais expressivo, registrando-as por meio da empiricidade.

A influência da sociedade nacional sobre a cultura indígena se justifica, segundo a ideia defendida por John Locke, na teoria sobre a Tábula Rasa (LOCKE, 1986), o porque o homem é como uma folha de papel em branco que através de suas vivências é preenchido, e mais, que não há nada na mente humana que não tenha passado pelos sentidos. Ou seja, não há como adquirir conhecimentos senão pela experiência. O autor do *blog*, advindo de uma cultura urbana, propõe-se através de sua atuação profissional a narrar a sua experiência de conhecer o “outro”, e aos seus leitores a refletir sobre o quanto é possível a troca de conhecimentos entre as culturas.

Após as considerações já feitas, nos propomos aqui a descrever o que foi ressaltado no *blog* sobre as etnias e comunidades, e conforme o decorrer do texto, apresentar algumas citações na íntegra para destacar que apesar da magnitude com que a cultura moderna se expande, a cultura de cada etnia, ainda que aparentemente se reconfigure, mantém suas peculiaridades, sua condição de cultura distinta da nacional.

Para melhor compreender as peculiaridades das sociedades indígenas de Roraima, o período analisado no *blog* Impressões Amazônicas se estende de 2008 (impressão 40) a maio de 2012 (impressão 81), justamente quando Vilhena começou seus relatos sobre as comunidades indígenas roraimenses, ainda que as demais impressões sejam ricas para compreender as culturas dos demais povos da Região Amazônica e para comparar etnias. No período estipulado para o estudo, Vilhena passou por cerca de 37 aldeias, entre as quais se incluiu, neste estudo, os relatos sobre os Kaiapó, os quais servem de contraponto as impressões das comunidades indígenas de Roraima.

Para melhor esclarecer sobre o contexto indígena no estado de Roraima, citamos a seguir as etnias presentes no estado, as quais são dos grupos linguísticos Caribe e Aruaque: *Ingaricó*, *Waiwai*, *Yanomami* (subgrupos: *Yanomae*, *Yanômami*, *Sanima* e *Ninam*), *Macuxi*, *Wapichana*, *Waimiri*, *Atroari*, *Taurepang* e *Mainongong*.

São do tronco linguístico Caribe as etnias *Ingaricó*, *Waiwai*, *Macuxi*, *Waimiri*, *Atroari*, *Taurepang*, *Sapará* e *Ye'kuana* (*Maionongong*) e do grupo linguístico *Aruaque* os *Wapixana*. Há, ainda, o Grupo *Yanomami* (*Yanomae*, *Yanômami*, *Sanima* e *Ninam*) o qual não é classificado em tronco linguístico.

Entre o primeiro contato e os seguintes, o relator das impressões presenciou, em algumas aldeias, momentos de festejos organizados pela própria comunidade, instantes não programados relatados de modo mais expositivo e superficial, característica presente em seus relatos, em que apreende os acontecimentos mais característicos e atrativos das aldeias, inclusive relatos de aldeias que não fazem parte do território de Roraima, ou aqueles que não são realizados em terras indígenas, dos quais totalizam 13 impressões que entram nessa estatística básica, dentre as 86 impressões descritas em seu *blog*.

No decorrer da leitura das impressões, nota-se que Vilhena não traça, ao expor seus escritos, um roteiro ou uma linha com perspectiva planejada de postar em seu *blog*. Ele simplesmente faz reflexões, descreve situações inusitadas e interessantes que vivencia, assim como cita aquilo que do seu ponto de vista tornam singular cada uma delas. Ou seja, mostra curiosidades e reflexões vivenciadas e registradas.

Impressões Amazônicas leva a reflexão sobre a dimensão do envolvimento do homem “branco” nas comunidades indígenas, que influenciam em suas crenças, conhecimentos e tecnologias. Evidencia que as características peculiares de cada etnia, comunidade e indivíduo, podem sofrer transformações em consequência da ampliação do contato, do interesse pelo outro, da admiração que faz o olho brilhar de um modo surpreendente pelo visto “raramente”.

O contato com o “branco” geralmente gera a reflexão sobre até onde, e se existe um limite na linha de demarcação, não somente geográfica, mas da liberdade, até mesmo de expressão, na qual o diálogo entre as culturas estejam sujeitas; tal qual em que medida a estrutura tradicional não se deixa modificar frente as novidades da modernidade.

O contato não inviabiliza a existência de uma cultura, assim como em alguns casos pode até favorecê-la. Portanto, se em determinados casos pode ser conveniente à comunidade indígena usar a tecnologia para perpetuar seus momentos culturais, por outro lado, as interferências tecnológicas podem resultar na diminuição das influências tradicionais cotidianas, a exemplo do que acontece com a língua materna e vestimentas, conforme relato da Impressão 71. Mas diante da dialética do cotidiano entre os “não civilizados” e os “civilizados”, até onde a influência do “outro” convém ou é “necessária”?

O modo de vida levado pelos habitantes das comunidades descritas no *blog*, independente da interferência da cultura ocidental, assim como se resume a uma simplicidade não encontrada nas grandes cidades, com destaque ao modo das crianças brincarem, a despreocupação com que os adultos seguem em seu dia a dia ao procurar manter ainda firme a presença de seus credos frente ao contínuo contato com os considerados “brancos”.

Um exemplo de perpetuação de elementos culturais próprios, remete-se a etnia *Yanomami*, que mesmo com os apelos da sociedade nacional para incorporar os indígenas, acredita que os verdadeiros nomes não podem ser pronunciados em voz alta, pois se o fizer e houver um espírito por perto, este poderá fazer mal ao índio que teve seu nome revelado. (Impressão 44, VILHENA, 2008).

Comparando as etnias podemos ver as peculiaridades de cada cultura. Os integrantes da etnia *Kaiapó* (Pará) possuem o costume de andar sempre enfeitados, pintados; não deixam os cílios crescer; cortam o cabelo em sinal de luto que só chega ao fim quando o mesmo cresce totalmente; são receptivos, curiosos e animados; na etnia *Ingaricó* (Roraima) a fala é mais lenta, sem pressa, “espaçada”, mesmo sendo receptivos, o são menos que os *Kaiapó*; as crianças pouco sorriem; sofreram interferências de outras culturas, porém conforme menciona Vilhena, sua cultura continua viva. (Impressão 48 e 54, VILHENA, 2008, 2010).

Os indígenas das etnias *Wai-wai* e *Macuxi* sofreram uma influência da sociedade nacional ainda maior. Os primeiros especialmente pela presença assídua das igrejas e os últimos pela influência em demasia dos desbravadores da região, de modo que em algumas aldeias a língua materna é residual. Ainda assim, guardam suas particularidades e são tão receptivos quanto as demais etnias (Impressão 61, VILHENA, 2010). Os *Ye'kuanas* são tão, ou mais vaidosos que os *Kaiapó*. Enfim, cada etnia possui sua forma de lidar com seu cotidiano frente aos avanços da modernidade.

Algo que é comum a todas as comunidades é o problema de saúde. No decorrer do relato no *blog*, Vilhena faz algumas observações sobre os problemas mais comuns de saúde que ocorrem entre os indígenas, sendo um deles o de irritação da pele por conta dos insetos, acumulado aos hábitos higiênicos específicos de cada aldeia, ao uso de pouca roupa e as condições das construções das casas que não impedem o contato dos insetos com a pele.

O aspecto territorial de moradia do índio se restringe a floresta em algumas aldeias (outras são mais similares as cidades), sendo seu modo de levar a vida bastante peculiar, conforme o ambiente. Há de se considerar, ainda, a dificuldade para a realização das práticas de higiene praticadas na cidade, o que os leva a substituir por práticas tradicionais, por vezes não tão eficazes. Simplesmente mudar seus hábitos repentinamente, seria comparável a pô-los em uma bolha de plástico para que não fiquem doente, pois o seu quintal é a mata. Logo, a própria moradia e expansão do terreno florestal propicia uma variedade de doenças e infecções, tais como diarreia, infecções respiratórias, verminoses mais comuns em crianças; dores nas costas, muscular em geral e gastrite, mais comumente nos adultos. (Impressão 43, VILHENA, 2008)

As descrições das condições de saúde das comunidades indígenas de Roraima em que Vilhena passou, nos instigam a reflexão sobre: até onde vai o limite entre o “diálogo” das culturas indígenas e urbanas?; em que a simplicidade de uma e a complexidade da outra, complementam-se de modo que não haja um lado subjulgado.

Do mesmo modo que descreve as doenças que mais encontra, Vilhena descreve as condições dos postos de saúde das aldeias, bem como a maneira como os índios agem frente as recomendações médicas com relação ao uso dos medicamentos, tendo em vista que diminuíram as procuras aos pajés para a cura das doenças consideradas de “branco”; já em outras aldeias, nem permitem o envolvimento dos mesmos quando se trata de “doenças dos índios” e em outros casos considerados mais graves, os médicos tem acesso ao doente somente com o consentimento do pajé. (Impressão 43, VILHENA, 2008)

A condição para a manutenção de saúde para os indígenas roraimenses, de acordo com os relatos, varia de aldeia para aldeia. Há casos em que o lugar de atendimento é tão precário que não há espaço para o médico atender e para os “pacientes” aguardarem o atendimento; há, de igual modo, em alguns casos, o problema de comunicação entre os agentes de saúde e os indígenas por falta de tradutores (mesmo que isso não os impeça de realizarem o trabalho); uma terceira deficiência é a ausência de médicos especializados, já que fica na responsabilidade de um único médico o tratamento dos males de todos; ademais, apesar de o médico receitar os medicamento, nem sempre os indígenas tem acesso, ou fazem o uso correto dos mesmos.

A eficácia do atendimento médico ainda fica comprometida pela precariedade ou ausência de transporte para a mobilidade dos doentes mais graves para um hospital, pela falta de estrutura básica de atendimento em postos de saúde de algumas aldeias, a despeito de não ocorrer em todas. Frente a esta realidade nos deparamos, novamente, com a validade dos benefícios e malefícios impostos pela sociedade nacional, especialmente no que tange à saúde indígena.

Falar coletivamente dos problemas é resumir com prejuízo o trabalho realizado por Vilhena nas impressões, o que só fazemos neste momento pela impossibilidade de abordar em um artigo cada uma das impressões. Com isso, para contorná-lo, convidamos o leitor a conhecer o *blog* e a fazer sua própria análise dos problemas vivenciados nas comunidades indígenas, ainda que sob o olhar do autor das impressões amazônicas, e consequentemente ter conhecimento das peculiaridades de cada uma das comunidades abordadas pelo médico em suas impressões.

Há muito a se ter conhecimento no blog, a exemplo do que ocorre na aldeia de *Las Casas (Kaiapó)* na qual a liderança é de uma “cacica”. Ainda que poucos saibam, Vilhena afirma que o mesmo ocorre em Roraima. Neste caso se trata de uma índia na posição de segunda líder da comunidade da Placa, em Normandia, etnia *Macuxi*. (Impressão 56 , VILHENA, 2011). Ainda que não narrado nas impressões, na entrevista o médico afirmou que ocorre em outras aldeias de Roraima, a exemplo da Terra Indígena Moscou (*Wapixana*).

O *Blog Impressões Amazônicas* pode ser interpretado como senso comum, ainda que com um toque “sociológico” sem ser científico. Algumas situações nele descritas chamam a atenção e são imprescindíveis de serem citadas na íntegra para que se tenha noção da cultura da comunidade descrita. Ainda que as impressões sobre Roraima iniciem no relato 40, para efeito deste estudo partimos da Impressão 51, que é sobre a Aldeia Canaunanin, da etnia *Wapichana*, a qual Vilhena faz o comentário a seguir:

(...) A cada dia o novo é incorporado em nossa vida e aceito como o normal e até recomendável. Como podemos querer que isto seja diferente com os indígenas? O que é importante é a preservação da forma de pensar, que é única, e isto se mantém bem vivo. As relações sociais, a relação com a terra, com a vida e o mundo são diferentes para cada povo e isto sim, deve ser preservado. Mas para se preservar é preciso que cada povo indígena tenha condições de se desenvolver, ou seja, ter terra para gerar alimento e riqueza. Sem terra os indígenas passam apenas a formar a massa pobre da sociedade, vítima de preconceitos por serem miseráveis e diferentes. Aí sim, por necessidade, para se manter vivos, são obrigados a abrir mão do que lhes é mais caro, sua identidade. (Impressão 51, VILHENA, 2009)

A colocação de Vilhena é oportuna na citação anterior para ressaltar que as sociedades indígenas também são dinâmicas, e que são resultado das diversas manifestações a que estão sujeitas e nas quais são incorporadas, tornando as diferentes sociedades direta ou indiretamente entrelaçadas. Apesar do todo constituído, existe e ainda é muito presente o preconceito entre as partes, ou sobre uma parte, especialmente no que tange aos indígenas. Em Roraima isso não é diferente, porque a sociedade nacional quer inserí-los, mas ao mesmo tempo critica qualquer incorporação do “mundo civilizado”, acusando-os de deixarem de ser índios. Ainda assim, não se pode dizer que as influências dos “brancos” em suas vidas foram apenas negativas, porque verificam-se também aspectos positivos.

Mesmo que o preconceito ainda exista, hoje em dia, após muita resistência, o respeito às diferenças é mais vivenciado, mesmo que insuficiente, a respeito da manutenção da cultura indígena em um ambiente da cultura nacional. O médico Altamiro Vilhena, observa que é possível aderir aos elementos da modernidade e ao mesmo tempo preservar aquilo que é único, peculiar e característico de cada cultura, em um contexto de complementaridade, mas com garantia da essência da identidade. (Impressão 55, VILHENA, 2010)

O contexto histórico no qual se deu o desenvolvimento humano, suas descobertas, suas curiosidades e seus mistérios foram modelando uma forma de sociedade que procura cada vez mais se autoafirmar, tal que se expande por sua característica aceitação ampla e facilidade de adaptar-se, abarcando o que está a sua volta, influenciando em demasia e não sustentando as sociedades em igual intensidade.

Através das Impressões Amazônicas fica perceptível a dimensão da preponderância da sociedade capitalista, ainda que em níveis diferentes, nas comunidades indígenas de Roraima, o que não as torna menos indígenas, já que suas peculiaridades as distinguem. A Impressão 57, que reflete a experiência na Aldeia Flexal, município Uiramutã, deixa isso evidente:

A interferência humana logo chega, desviando rios, traçando estradas. Está lá. As plantações de arroz. Não vou entrar na polêmica do que o General Heleno não conseguiu vislumbrar, mas só lembro que o indígena, fora de sua terra, não é mais ninguém, se torna alguém a margem da sociedade. Um pária engrossando as fileiras dos miseráveis, e que vive em um mundo interno diferente: outra língua, outros costumes, outras tradições, que impedem que seja “somente” um miserável. (Impressão 57, VILHENA, 2010)

A globalização, em sua magnitude, gera implicações culturais tendentes ao processo de “homogeneização”, mas não anula as particularidades, não consegue estabelecer uma cultura “una”, ainda que negligencie tal fato e insista em estabelecer uma cultura ocidental. Todo este esforço não é suficiente para anular as diferenças, os direitos indígenas, as peculiaridades do modo de ser e pensar do indígena. Tais particularidades, descritas no *blog*, nos fazem refletir sobre até que ponto elas estão sendo respeitadas, reconhecidas e mantidas em seu sentido único.

No Xaari reflito sobre o grande dilema de todos povos indígenas. O que é melhor: a vida tradicional ou a influência da cidade? O Xaari foi ocupado após a demarcação da terra e a maioria dos moradores veio de outras comunidades. A aldeia fica cerca de 30 minutos de carro para a cidade, com todos os benefícios – e malefícios – que advém daí. Longe do rio não há a fartura do peixe, a caça e a tranquilidade para plantar e colher. Suas crianças não têm a liberdade de passar o dia banhando, nem estudam em língua nativa, o que enfraquece sua coesão e seu elo com sua história. No Xaari a mata já deu lugar ao pasto, a escola é a mesma da comunidade próxima e a influência da cidade é mais nítida: televisão, cáries e motos. (...)

A ausência das festas e de seus rituais faz com que índios deixem de ser índios? Acho que não. A essência é outra. A forma de pensar é outra. Vivem em um universo paralelo, nem melhor nem pior. As relações familiares são nitidamente diferentes, e mesmo sendo evangélicos, a liberalidade dos costumes é bem maior que a nossa.(...) (Impressão 63, Terra Indígena do Anauá – Xaari, VILHENA, 2010)

A reflexão de Vilhena mostra que não há como negar que os avanços científicos e tecnológicos aos poucos chegam as comunidades indígenas, impondo-lhes uma adaptação no modo de comportar e de ocupar o espaço físico, fatos estes que não anulam suas visões de mundo. Assim, cada cultura segue seu ritmo, vivenciando o que o ambiente lhe oferece. Isso fica perceptível no *blog* quando são descritas as reações diversificadas de cada comunidade diante da chegada da equipe de saúde indígena, seja por “voadeira”, avião, helicóptero, ou carro.

As sociedades hoje em dia não mais conseguem dar um significado único e sólido frente às inconstâncias na qual a vida moderna as incorporou: preocupações constantes, necessidades insaciáveis, passos largos, apressados. Mesmo assim, julga-se que os “não civilizados” são aqueles a margem do que se tem como a vida real. As realidades múltiplas que o mundo vive não definem o que se julga ser a maneira certa de viver. Altamiro Vilhena relata fragmentos de realidade que cada comunidade indígena que visitou possui: mais abertas as mudanças, acanhadas, alegres, festivas, cada uma com seus costumes, suas diferenças, suas similitudes, que as tornam ainda mais parte integrante do conjunto de diferenças que constitui o ser humano, possuindo muitas vezes com mais intensidade àquilo que os não índios acabam esquecendo por estarem imersos no emaranhado versátil que é a sociedade ocidental.

(...) Solidariedade, de um jeito que a gente, na cidade, nem sabe mais como é. Coisa que aprendi com a família Kuribayashi, apagando incêndio em casa de “nem-sabemos-quem”. Coisa que o escotismo tenta ensinar, muitas vezes em vão. Nosso mundo não dá oportunidade para vivermos solidários. Nosso dinheiro paga a solidariedade e acabamos esquecendo que “um por todos e todos por um” não é só história de mosqueteiro. (Impressão 55, Comunidade/Aldeia Paraná – Etnia Ingaricó. VILHENA, 2010)

Assim como tem indígenas que vão para a cidade em busca de qualificação profissional, o que não necessariamente o faz menos índio, ou significa o descaso por parte dele com a sua cultura, há neste grupo de pessoas quem fique por um período de tempo, mas acabe optando por voltar para o seu “lar”, por não se acostumar com a rotina da cidade, percebendo o rio de diferença entre a cidade e a aldeia, sendo uma delas a falta de solidariedade. Exemplificando este elemento forte entre os indígenas, Vilhena relata que quando em determinado ponto do percurso de sua viagem, ele e sua equipe se veem parcialmente isolados, logo percebem que aparece gente, nem se sabe de onde, para ajudá-los, o que na cidade acontece com raridade. Sobre a cidade grande, há de se colocar que quantidade não é o mesmo que prestação de socorro ou ajuda; não é o mesmo que solidariedade.

Impressões Amazônicas descreve as comunidades indígenas ressaltando seus detalhes mais expressivos: períodos de festividades imprevistas; a expectativa dos moradores em busca de um remédio para seus males; a peculiar culinária da terra protegida por Makunáima, como a tão conhecida Damurida<sup>3</sup> e o tão consumido Caxiri<sup>4</sup>, e, também as pessoas e experiências que o médico convive e vivencia nas comunidades. Condicionado à percepção do fato de que as influências exteriores tornaram-se mais ou menos sufocantes, as impressões deixam claro que quanto mais distantes as comunidades, menos envolvidas estão com a onda da modernidade. A Impressão 61, comunidade Soma, na área da etnia *Waiwai* relata um pouco disso:

---

3 É um cozido de peixe com muita pimenta, cujo acompanhamento principal é o beijú (é feito de farinha de mandioca, assado em formato de bolacha grande).

4 Bebida fermentada feita a base de milho.



“(...) Por influência das igrejas, não há mais pajé ou rezador nas comunidades e a prática de uso de medicações tradicionais está pouco a pouco se perdendo. As festas tradicionais já não existem, substituídas pelo Natal e Dia do Índio, quando em algumas poucas comunidades ainda são feitas danças antigas, pinturas e cânticos tradicionais. Esta mesma influência traz uma vantagem, pois os Waiwai não fumam e não bebem, o que é bem diferente das demais etnias de Roraima, onde é bastante alto o consumo do álcool, especialmente na forma de caxiri. (...)

Mas mais uma vez meus pensamentos não se concluem. Três caminhões me transportam a civilização. Dentro deles os Waiwai, carregados de compras. Não se escuta português e os ouvidos confirmam o que os traços de olhos puxados e poucos sorrisos sugerem, mas que as roupas tentam esconder, pois a seleção brasileira, Ben 10 e Batman estão na moda daqui também. (Impressão 61, VILHENA, 2010)

A influência histórica que os não índios exerceram sobre os índios quando da colonização ainda se mantém presente nos dias de hoje. O médico nos instiga a reflexão sobre até que ponto tais influências alteraram, tanto positiva quanto negativamente, a cultura indígena. A presença da tecnologia, as influências religiosas, entre outros, no cotidiano das comunidades, remete ao dilema sobre a viabilidade e a dimensão na qual se inserem as comunidades historicamente alicerçadas, mas que não será aprofundada no presente artigo.

Contudo, como o próprio médico assinala no decorrer de suas impressões, algumas incorporações não alteram intrinsecamente os costumes, mas ajudam a resgatar, preservar e estimular a tradição. Frente a esta dicotomia, reconhecemos a facilidade de adaptação das sociedades, das culturas, mas questionamos sobre até que ponto e a qual lado tende a pesar a tensão desta presente dialética no cotidiano das comunidades. Até onde as sociedades em geral podem ser tão diferentes e similares, frente à considerada preponderância e magnitude da cultura capitalista?

(...) As crianças correm descalças entre nós, formando minhocas de lama entre os dedos a cada passo. Um menino, o menorzinho, cai de bunda no chão e suja a roupa limpa. O pai o ajuda a se levantar, tira sua calça e sem alterar o tom de voz diz: “não vai mais por ali que cai”. O menino, sorrindo, vai brincar do outro lado. Sem nossa preocupação, sem nosso estresse. (Impressão 77, Aldeia Sapan, etnia Macuxi, VILHENA, 2012 )

Nossa prepotência nos cega perante as coisas simples que constituem a vida corriqueira, ressaltada pela liquidez com que nos apegamos aos acontecimentos que passam em um piscar de olhos e logo são esquecidos e cujas consequências são acentuadas a cada dia que passa, seja a nível social ou individual. Mas driblando a vida a qual as comunidades indígenas são incitadas a se inserirem, elas mantêm suas particularidades. Nesse sentido fica a seguinte reflexão: até que ponto o considerado “primitivo” possui menos vantagem que os ditos “civilizados”?

Entre os não índios as crianças são cercadas de cuidados para evitarem lesões, machucados, ferimentos que ganham extravasando energia em suas brincadeiras, o que as difere das crianças indígenas que vão até onde lhes é aceitável ir, sem qualquer represália imediata, ou encarceramento, aproveitando ao máximo sua infância. Com tanta energia para brincar, as crianças despertam o olhar do “Doutor”, tanto que na impressão 80, ele expressa sua vontade de brincar junto com elas, e como diz a música “... ao tempo da inocência eu quero voltar, ao tempo da pureza eu quero voltar, da simplicidade com o pai... ser curado do que o mundo me fez ...”. Na mesma impressão ele se mostra interessado em se “desintoxicar da cidade”.

Como ainda há muito o que ser explorado futuramente no *blog*, neste primeiro artigo o apresentamos para o leitor e esperamos tê-los deixados curiosos em continuar conhecendo a realidade indígena através do olhar e dos escritos de um médico, mesmo que não tenhamos abrangido as características de cada aldeia indígena. No entanto, esperamos ter mostrado que o termo índio é muito genérico e não mostra a distinção entre as etnias, bem como leva ao preconceito generalizado sobre seus modos de vida. Sendo assim, fica a questão: Será que é mais fácil eu impor a minha cultura do que conhecer a outra? Esta interrogação gera outro questionamento: Respeitamos as culturas indígenas? A citação a seguir, ocorrida na Aldeia Macuxi Barreirinha, onde trabalhavam dois indígenas da etnia Pankararu, com quem Vilhena conversou e se envolveu com a riqueza de suas cultura foi que nos levou a estas reflexões.

(...) Nosso país realmente é pródigo, e nosso povo especial por aceitar, mesclar e miscigenar de forma única. Este aprendizado com a diferença me lembra uma frase que sempre me inspirou: “no momento em que aceitarmos todas as nossas diferenças, seremos finalmente iguais”. (...) (Impressão 78, etnia Macuxi, VILHENA, 2012)

Afinal, o que nos torna tão diferentes ao ponto de não conseguirmos enxergar a existência do “outro”, nos colocando em um patamar de superioridade? Nos consideramos responsáveis pela modernidade e por seu avanço, mas a selva de pedra e os grandes arranha céus que o homem civilizado constrói, retraem o pensar sobre o que seria necessário para um olhar a partir da reflexão do outro. Nossa soberba não nos deixa perceber que as diferenças, as distâncias, o conhecido, desconhecido, as condições em que todos se encontram em seu recanto, o modo que decidem levar a vida, as oportunidades ou desvantagens que lhes são oferecidas, fazem parte do todo que constitui inevitavelmente a espécie humana.

Ao longo deste ensaio foram apresentadas algumas impressões das comunidades indígenas de Roraima e compartilhadas algumas reflexões do médico Altamiro Vilhena, em seu *blog* Impressões Amazônicas. Entusiasmado Vilhena mostra que os indígenas compartilham uma sociabilidade ampla, que cada etnia tem suas especificidades e que o estado de Roraima é multicultural. Como se percebe, a partir de Impressões Amazônicas, mesmo que os indígenas assimilem alguns dos elementos da sociedade nacional, o modo de cada etnia pensar e perceber o mundo sustenta a permanência de uma cultura diferenciada, que por meio do *blog* pode ser divulgada para quem tem curiosidade e interesse de conhecer a diversidade cultural da Amazônia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAM, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1986. pp.15-40.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Plataforma Lattes.** Altamiro Vianna e Vilhena de Carvalho. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizaev.do?id=K4761680E6>>. Acesso em: 06 de out. 2012.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos.** São Paulo: ZAHAR, 1994.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** In: Capítulo II – As Dimensões Institucionais da Modernidade. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

LOCKE, John. **Pensamientos sobre La Educación.** Madri: Akal, 1986.

OLIVEIRA, Isabel de Assis Ribeiro de. **Teoria política moderna:** uma introdução. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2006. pp. 59-73.

PORTAL de Roraima: **Povos Indígenas.** Disponível em: <[http://www.rr.gov.br/index.php?option=com\\_content](http://www.rr.gov.br/index.php?option=com_content)>. Acesso em: 13 jun. 2012.

SOUZA, Willame. **Índio urbano:** deixa-se a aldeia, preservam-se os hábitos. TEPUI: dossiê fronteiras. Boa Vista-RR: Editora UFRR, pp. 28-31. 1º sem. 2012.

VILHENA, Altamiro. **Impressões Amazônicas blog.** Disponível em: <<http://impressoesamazonicas.wordpress.com/impressoes-integrais/>>. Acesso em: 05 junho de 2012.